



# Entrevista

## Maria Berenice Tourinho

**Maria Berenice Tourinho**  
Mulher, filha, esposa,  
mãe, professora, doutora,  
pesquisadora, engajada,  
ativista, decidida. Estas não  
são todas, mas algumas das  
qualidades/características da  
professora doutora Maria  
Berenice Alho da Costa  
Tourinho, a primeira mulher  
no comando da única  
universidade federal de  
Rondônia.

Possui Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho pela Universidad de La Habana (2002), com título revalidado pela Universidade de Brasília (UNB); Mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (1986); Graduação em Serviço Social pela Universidade Federal do Amazonas (1981); Especialização em Avaliação Institucional pela Universidade de Brasília (UNB) (1998), além de formação complementar em Excelência em Gestão Pública, Liderança e Direção, Determinantes da Eficácia Diretiva, Hierarquia de Necessidades e Práticas Diretivas, Comunicação Dirigente-Colaborador e Filosofia da Ciência. Na Universidade Federal de Rondônia (UNIR) é docente e pesquisadora permanente do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Administração (PPGMAD), atuando em Planejamento Estratégico nas Organizações; e na Graduação em diversos cursos ministrando, entre outras, as seguintes disciplinas: Sociologia, Metodologia e Epistemologia das Ciências Sociais, Ciência Política, e Saúde e sociedade. É líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (GEPES), atuando nas linhas de pesquisa: Avaliação, Planejamento e Gestão de Instituições de Ensino Superior; e Pertinência Social e Formação no Ensino Superior. Desenvolveu vários trabalhos técnicos, dentre os quais: Coordenação da elaboração do Planejamento Estratégico da UNIR no ano de 2004; atuou como membro da Comissão Permanente de Avaliação Institucional da UNIR (CPA), com participação ativa na primeira autoavaliação realizada na UNIR em 2006. Atua como Pesquisadora e Coordenadora de Pesquisa em projetos relacionados à violência sexual contra crianças e adolescentes, em colaboração com o Centro de Defesa da Criança e do Adolescente Maria dos Anjos (CDCA); e como Coordenadora da Comissão de Políticas Públicas e Orçamento do Fórum Estadual de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente do Estado de RO. Tem experiência na área de Administração atuando principalmente nos seguintes temas: políticas públicas, violência sexual infanto-juvenil, assistência social, controladoria de organizações e educação. Exerceu a função de Reitora da UNIR no período de mai/2012 -mai/2016.



Ela assumiu a reitoria da UNIR em 2012, em um momento de crise, com o compromisso de restaurar a governabilidade e, conseqüentemente, a credibilidade da Instituição. Ao que tudo indica a Universidade começa a trilhar um novo caminho e a reconstruir a sua história.

Em entrevista para a revista Aluá, Maria Berenice fala um pouco sobre quem é a professora, a pesquisadora, a pessoa, ou como ela diz, o ser humano, por trás do cargo de reitora.

**Revista Aluá:** Professora, a senhora é natural do Amazonas e faz parte de uma família bastante tradicional de Rondônia. Conte-nos um pouco sobre a sua trajetória pessoal desde a infância, como aconteceu a vinda para Rondônia e o estabelecimento da sua família no Estado.

**Berenice Tourinho:** Eu passei praticamente toda a minha infância e a primeira parte da juventude em Manaus, no Amazonas, lá eu nasci. A família da minha mãe é de Santarém e a do meu pai é do Amazonas. Eu sou fruto de famílias da Amazônia. Estudei em escolas públicas desde o primário até o primeiro ano do segundo grau. E fiz os dois últimos anos no Colégio Dom Bosco, para ter maior fôlego para o vestibular, que era extremamente concorrido na minha época.

Passei para a Universidade do Amazonas com 17 anos. Meus pais tiveram que tirar uma autorização no Juizado de Menores pra eu cursar a Universidade, porque, no ano que eu entrei, a Universidade era considerada um ambiente subversivo, inade-

quado para menores. Fiz o curso de bacharelado em Serviço Social e terminei em 1981. Em seguida, com 21 anos, passei no mestrado em Serviço Social com ênfase em Políticas Públicas, na PUC-Rio de Janeiro. No Rio de Janeiro eu conheci o Eudes, meu marido.

**RA:** O seu casamento foi no Rio de Janeiro?

**Berenice:** Sim, eu me casei lá, em 30 de janeiro de 88. Eu estava empregada, já era professora colaboradora na PUC-Rio, mas meu marido precisava voltar para Rondônia porque ele saiu com bolsa do Governo do Estado e tinha terminado a residência médica. Então nós voltamos. Eu vim por ele, mas antes fiz o concurso pra Secretaria de Saúde do Estado de Rondônia, passei, fiquei dois anos na Secretaria, ajudei a implantar, junto com o governador Confúcio, que à época era secretário de Saúde, o Sistema Único de Saúde no Estado de Rondônia e, em 1988, vim pra UNIR. Fiz o concurso, mas sempre com o foco na Educação Superior.

**RA:** A senhora se orgulha de ter 27 anos de experiência como docente e pesquisadora da UNIR. Quando e por qual motivo optou pelo magistério como profissão?

**Berenice:** Antes de sair para o mestrado, eu já havia atuado como professora substituta. Dei aulas durante dois anos na Universidade do Amazonas, quando eu tinha entre 20 e 21 anos. Acredito que foi isso que me deu gosto pela vida acadêmica, pesquisar e trabalhar em sala de aula. Eu não tinha muita paciência

para trabalhar com a educação de crianças, mas eu tinha um encantamento muito grande, principalmente, pela Educação Superior. Tive professores excelentes, dos quais fui monitora de Sociologia e de Antropologia. Isso me despertou o gosto pela docência e, conseqüentemente, o gosto pela pesquisa na área de Ciências Sociais. E já nesse momento, a minha área de pesquisa era em políticas públicas de infância e adolescência, que nós chamávamos, na época, de políticas de defesa do menor.

**RA:** Por que a escolha por essa área específica de pesquisa?

**Berenice:** É uma coisa de história de vida. Como a minha família era muito religiosa, católica, eu e meus irmãos íamos [à igreja] desde pequenos. Quando eu entrei na adolescência, fui para o grupo de jovens da Igreja e comecei toda uma participação político-religiosa. Os grupos de jovens ajudavam a Igreja com as crianças da comunidade, no catecismo, nas festinhas do dia das crianças e isso me motivou muito. Naquela época, havia muitas crianças engraxates na cidade de Manaus, minha casa fica bem no centro, e elas batiam em casa pra pedir comida. Então, eu organizei um grupo de catecismo na minha casa só para os engraxates que batiam para pedir comida. Eu dizia assim: “olha, eu dou o lanche, mas vocês têm que ficar aqui uma hora pra gente falar de Deus”. A idade deles variava entre seis e 13 anos. E os vizinhos mais novos, as crianças, também vinham. Teve lanche, você atrai criança. Uma balinha, uma coisa assim, por isso que eles são tão vulneráveis.

**RA:** Foi a percepção dessa realidade que a motivou?

**Berenice:** Eu suponho que sim, foi isso que me motivou a lidar com crianças e adolescentes. Mas no percurso da minha vida eu fiquei muito encantada com Odontologia. Eu ia para o dentista e achava aqueles equipamentos maravilhosos. Eu quis ser odontóloga. Quando eu comecei a me preparar para o vestibular, a minha mãe veio conversar comigo e disse assim: “poxa, você já trabalhou com as crianças tanto tempo, porque você não faz Serviço Social?” E eu disse: “não, eu gosto de Odontologia, eu quero fazer porque eu acho bacana e acho que vou conseguir”. Como ela viu que eu insistia muito, ela disse: “olha, você vai fazer, mas seu pai nunca vai poder comprar um equipamento desse para você”. Naquela época, a leitura que minha mãe tinha era que meu pai teria que, no futuro, montar um consultório privado pra mim, e meu pai era fotógrafo, sustentou a família como fotógrafo. Então ela disse: “você trabalhou com as crianças, faça serviço social, você tem esse perfil”. Aí eu fui, fiz e gostei. E pronto, nunca mais quis saber de odontologia, nem de ir (risos).

**RA:** O que mais te encanta no serviço social?

**Berenice:** Na verdade, eu fiz serviço social, mas fui para a ala crítica do serviço social, ou seja, de montar uma atuação de serviço social no país de tal forma que ela se implodisse, se implodisse no quê? Você pode perguntar “por que existe a profissão de advogados?” Uma forma de você

analisar a questão é: existe porque existe crime, porque existem infrações, porque o ser humano coletivamente se comporta de forma errada, porque ele fere o outro. É a mesma lógica que se aplica ao médico. Porque existe o médico especialista do especialista? Porque a saúde pública não funciona, então o problema chega num estado de gravidade que só o especialista pode resolver. A mesma coisa é o serviço social. Eu sempre fui adepta da política pública voltada para a prevenção, para o cuidado, para não tratar do problema instalado, da violência sexual contra os jovens, do abuso, da violência física. E a Igreja Católica sempre foi muito combativa a respeito disso, do vulnerável, seja o idoso, seja o jovem, seja a criança. Então eu me encantei por essa parte do cuidado com as novas gerações de jovens.

**RA:** São então, aproximadamente, 30 anos de estudos nessa área. A senhora percebe alguma mudança significativa na sociedade com relação à adoção de políticas públicas de enfrentamento às violações de direitos de crianças e adolescentes?

Não. O que a gente percebe como pesquisador é um aperfeiçoamento do ponto de vista legal. Mas eu parto do princípio de que o ordenamento legal, dado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, e outros ordenamentos ajudam, mitigam o problema, colaboram fortemente na prevenção, mas não vejo uma mudança significativa do ponto de vista cultural da sociedade. A nossa sociedade brasileira é ainda fortemente machista e “adultocêntrica”. Ela

foca no adulto, que é o agente, o fator produtivo do mercado. Ela procura direcionar a maior parte da riqueza do seu investimento para esse adulto, na fase produtiva, e destina as políticas públicas àquela população de público-alvo mais vulnerável.

Do ponto de vista legal, eu não posso negar que houve avanços, mas não acredito que esses avanços tenham a capacidade de alavancar a mudança cultural da nossa sociedade. Não é a força da lei que altera a tua relação com a sociedade num curto espaço de tempo. E uma criança ou um adolescente, quando ele é violentado nos seus direitos, ele não tem muito tempo. Se você sofre uma violência sexual, um espancamento em casa, sofre agressões na rua, isso é para o resto da vida. A sociedade ainda é muito agressiva com o vulnerável. A forma como a gente lida com o jovem, com a criança, não mudou muita coisa. Hoje os pais podem até deixar de agredir em casa, muito mais por medo de ser punido, do que pelo sentimento de respeito à criança. Isso eu considero extremamente grave, você usar do seu poder de adulto, da sua autoridade de pai, de vizinho, de irmão mais velho, de avô, de avó, e subjugar, com base na força, a criança ou o adolescente.

**RA:** Sobre esse tema, a Universidade pode ser uma parceira?

**Berenice:** Sim. Uma das linhas de pesquisa é justamente trabalhar com a formação do aluno de graduação para essa área. Eu ofereço três disciplinas optativas e abro para Enfermagem, Psicologia, Pedago-

gia, Ciências Sociais e também para aluno especial. Faço uma turma mista, e nessa turma trabalho com políticas públicas de direitos de crianças e adolescentes. Nesses momentos na educação eu mobilizo a formação do aluno para a área. Além disso, a gente coloca os alunos de diferentes áreas para trabalhar, com bolsa, nos projetos de pesquisa. Isso acaba atraindo o interesse do aluno. E é essa a estratégia que usamos, unindo extensão, educação e pesquisa.

**RA:** A senhora já entrou para a história da instituição como a primeira mulher eleita para assumir o cargo de reitora através de consulta à comunidade acadêmica. O que isso significa para a senhora enquanto mulher e profissional?

**Berenice:** Na verdade, eu não tinha como propósito de vida acadêmica chegar a ser reitora. Sempre tive muito interesse pelos processos de gestão, fui convidada muitas vezes para entrar concorrendo como vice ou para ser pró-reitora e não aceitei nenhuma das vezes. Não me interessava o poder de posto, sempre me encantaram a pesquisa e a extensão.

Eu acabo embarcando nessa proposta, postulando a candidatura à reitoria da UNIR, por força de um momento de crise que a nossa Instituição viveu. Quando houve o desfecho, em 2011, com a renúncia do reitor anterior, começou a surgir o meu nome. A princípio, eu neguei, mas sempre com uma crise de consciência, pensava “poxa, eu participei do movimento, como é que agora, que estão

postulando para eu me colocar à disposição da Intuição, não vou dar a minha contribuição?” Confesso que eu fui, mas sem expectativa nenhuma de ganhar porque eu não era tão conhecida, não tinha ocupado cargo nenhum na Instituição. Foi mais uma demanda do movimento, de grupos de apoio que enxergavam no meu nome um ponto de convergência conciliadora para retomar a governabilidade da UNIR.

**RA:** A senhora enfrentou alguma resistência pelo fato de ser mulher e estar à frente da instituição?

**Berenice:** Essa questão da resistência eu percebi, mas ela é muito sutil porque o ambiente organizacional da academia é um ambiente em que a mulher é um diferencial. A mulher professora, a mulher pesquisadora consegue se impor academicamente pela produção, pelo trabalho, e os colegas acabam enxergando um pouco dessa competência e do espaço político que ela ocupa. Na hora que eu ocupo a reitoria, isso é sutil, mas eu tenho todo o *staff* masculino, com exceção da pró-reitora de Administração, a Ivanda (Soares, mestre, servidora técnica da UNIR). E quando você está no poder de mando como mulher, e segue os trâmites republicanos da gestão, essas possíveis discriminações por força de gênero se atenuam.

**RA:** De que maneira foi possível contornar essas situações?

**Berenice:** Eu nunca perdi, por exemplo, a condição de me sentir mulher enquanto reitora. Muito pelo contrário, me aproveitei de todos os momentos em que ela

pudesse trazer vantagens institucionais, como, por exemplo, o poder do cuidado, o poder de conciliar, isso é próprio nosso, das mulheres, a gente pensa duas vezes antes de ir para um enfrentamento. É uma forma de você também, estrategicamente, usar algumas habilidades para atenuar as discrepâncias que possam vir do preconceito de gênero porque ele existe, ele existe.

E eu me recusei a me comportar como um homem, no sentido do processo decisório. Acho que você tem que ser firme, mas você não precisa ser “conflitiva”. O conflito faz parte do nosso processo de condução humana, de tomada de decisão, mas você não precisa ser mal educado, você não precisa ser agressivo. Se você tem um processo de gestão que é conduzido pelo ordenamento jurídico, pela disciplina administrativa, você não precisa ser grosseiro com o outro.

**RA:** Como foi a experiência do seu doutorado em Psicologia Social e do Trabalho realizado na Universidad de *La Habana*, em Cuba?

**Berenice:** Eu sou praticamente apaixonada, amo o povo cubano, vou de dois em dois anos apresentar um artigo no Congresso Internacional de Educação Superior, fui lançar o meu livro, minha tese doctoral que se tornou um livro, em fevereiro de 2014, e é gratificante voltar à Ilha, conviver no ambiente acadêmico e também desfrutar da cultura Caribenha. Também coloquei a nossa Universidade, a UNIR, no circuito de universidades la-

tino-americanas e espero que a próxima gestão mantenha, para que possamos discutir o que é a Latinoamérica, como vivemos. Isso nos interessa manter.

Enfim, a minha aproximação com Cuba foi em função da própria UNIR. Não foi uma ideia que eu tirei da minha cabeça. Tanto é que não tinha a proposta do doutorado na minha área, havia sim a proposta para a área de Psicologia Social do Trabalho que é muito próxima, uma área que tangencia as Ciências Sociais e que sempre me interessou. E eu consegui, com a proposta do doutorado, juntar três áreas que tenho intenso interesse, a área de Gestão, Psicologia Social do Trabalho, a área de Sociologia, que é minha área de atuação na educação e na pesquisa, e a área das Políticas Públicas.

**RA:** Em 2012, no início do seu mandato como reitora, a senhora afirmou que o maior desafio seria “restaurar a governabilidade da UNIR”. Como está a Universidade hoje? A senhora acredita que atingiu esse objetivo?

**Berenice:** Sim, eu acredito que conseguimos atingir. A nossa proposta de campanha era “UNIR refaz seu caminho”, no sentido de reconstruir a UNIR. E sempre foi uma proposta muito modesta, baseada na leitura de que nós não podemos propor crescimento, ampliação, consolidação de elementos fragmentados. Naquela época, há quatro anos, a nossa Universidade estava des governada, estava vivendo o ápice de uma crise moral, política, institucional e acadêmica muito grande. Então, a minha

proposta de campanha foi no sentido de retomar a governabilidade porque, dessa forma, criaríamos as bases institucionais para que pudéssemos crescer novamente. O que a nossa gestão fez foi tomar aquilo que estava abandonado, do ponto de vista da estrutura física, da capacidade instalada, do corpo técnico, do corpo docente, de equipamentos, de laboratório, de limpeza, do mais elementar, e retomar essa governabilidade.

E eu acredito que atingimos porque fomos além disso. Falta muito, eu admito, mas nós restituímos a circulação dos processos, mantivemos com seriedade as reuniões dos Conselhos Superiores, passamos a respeitar todas as decisões departamentais, estamos entregando prédios novos, os quatro restaurantes, uma reivindicação antiga dos nossos estudantes, estamos terminando os prédios que ficaram parados e estamos com as contas da Universidade em dia, mesmo em período de crise. Obviamente que nos dois próximos anos nós não poderemos fazer nada estruturalmente de novo, mas estamos em condições de encerrar o que foi começado nesta gestão. Então nos retomamos a governabilidade e quebramos aquele círculo paternalista de achar que só a Reitoria tem que prover.

**RA:** Qual a sua mensagem de despedida para a comunidade acadêmica e sociedade em geral?

**Berenice:** A mensagem que eu posso deixar, a respeito desses quatro anos, é que é importante que todos os professores,

enquanto agentes e sujeitos do processo de construção da universidade, saibam que eles não podem se acomodar numa lógica paternalista. O professor é o sujeito articulador principal da qualidade do trabalho acadêmico e ele tem que fazer uma interlocução competente e responsável com o aluno de graduação. Esse é o nosso público-alvo. É o aluno que precisa ser potencialmente bem preparado porque sem esse aluno bem preparado não temos pós-graduação, nem se desenvolve o interesse pela extensão. É o aluno que também carece de muitas coisas, inclusive de uma boa formação nos ensinamentos fundamental e médio. Essa é uma sobretarefa que cai nos ombros do professor da educação superior e com a qual ele tem que aprender a lidar. Ele tem que ser um professor empreendedor, tem que trabalhar com a possibilidade de criar nesse aluno o interesse pela educação, de possibilitar que ele seja protagonista da sua própria formação acadêmica e que desenvolva o respeito pela própria universidade.

A universidade não é construída apenas pela Gestão Superior, ela é construída também por cada servidor, cada professor que se respeita enquanto docente, enquanto profissional que vai pra sala de aula e é respeitado pelos alunos, que sabe que eles são jovens e carecem de ajuda, e que cumpre o mais elementar de sua função. Eu não entendo a universidade, nessa mensagem, como um grande centro de assistência social, não é. O nosso mote, o nosso respeito é na formação e na educação superior de qualidade, mas isso não

quer dizer que a gente não compreenda a forma como o nosso aluno chega. Isso faz parte da profissão de educador.

**RA:** E com relação à extensão, como é possível avançar nesse aspecto?

**Berenice:** A extensão é uma obrigação, é o equivalente da responsabilidade social da iniciativa privada, mas, nacionalmente, tem assumindo um perfil assistencialista na universidade pública, principalmente nesses quatro últimos anos com o processo de inclusão mais intenso, e na minha avaliação isso é um equívoco, pois extensão é compartilhar o produto da universidade, principalmente, com a comunidade em que ela atua. Ela acabou ficando muito concentrada na assistência ao estudante carente, o que também é certo, mas não é suficiente. O principal objeto da extensão é tornar este aluno carente independente, maduro, capaz de interagir com os demais. Isso que é estimular o protagonismo deste aluno para incluí-lo no processo de formação da educação superior. Não é criar bolsas de assistência porque apenas com uma política de “bolsismo” você acaba instituindo o paternalismo como política institucional e tornando esse aluno novamente dependente. Nós temos que ter a competência de oferecer os nossos próprios produtos para tornar esse aluno, e mesmo o servidor, hábil e senhor da sua própria condução no processo de formação acadêmica. Eu vejo que a contribuição deve ser mais nesse sentido, de superação dessa conotação que recrudescer muito nos quatro últimos anos por força das políticas inclusivas de caráter assistencialista.

**RA:** Em sua opinião, o que é preciso para conceber a universidade como um espaço de desenvolvimento e de fomento da cultura?

**Berenice:** Como eu sou professora e estou na academia, eu parto de um pressuposto teórico. O termo “cultura”, quando tratado como conceito sociológico, comporta a condição de todo o fruto do trabalho humano, tudo aquilo que o homem, com habilidade e competência, produz, independente se ele tem uma formação superior ou não. Então, eu vejo o elemento de cultura na nossa universidade, cuja gestão é feita pela PROCEA, como um elemento difuso que extrapola a condição só da produção esportiva e artística. É preciso descobrir quais são as habilidades dos nossos alunos, dos nossos professores e dos nossos técnicos. Tem professor que sabe compor poesias, música, tem professor que é repentista, técnicos também. Isso é uma coisa que eu gostaria de ter desenvolvido na UNIR, mas nós tínhamos tantas outras tarefas mais urgentes que acabou parando. Dizem que a gente só começa a procriar a cultura transcendente à medida que tem assegurada a existência material. Como a gente precisava assegurar a existência material da nossa Universidade, essa ambição ficou num segundo plano.

Mas se a PROCEA fizer um levantamento de todas as habilidades e competências dos nossos servidores, ela vai descobrir coisas inimagináveis. Eu acredito que isso mitiga muito as áreas de atrito e de conflito na universidade porque nos dá uma

conotação mais humanista. Essa foi uma ação que eu realmente acho que acabou fermentando, mas não decolando como gostaríamos, ou seja, mais no nosso público interno. A universidade tem que ser mais que sala de aula, mais do que pesquisa, mais do que extensão e cursos, ela tem que despertar as habilidades do servidor que nela atua. E ela tem, inclusive, que fornecer a possibilidade de o servidor desenvolver essa habilidade. A relação custo/benefício é muito pequena e o produto a ser compartilhado é incontável.

**RA:** Fazendo um balanço desses quatro anos, qual lição a senhora levará dessa experiência?

**Berenice:** Eu posso resumir em três grandes aprendizados. Primeiro eu aprendi que assumir o poder de mando, em qualquer situação, desde chefia de departamento à reitoria, significa lidar com uma família extensa. Ser gestor extrapola toda a condição definida estatutária e regimentalmente do cargo exercido. Você tem que ser amigo, psicólogo, às vezes psiquiatra, padre, pastor. Você tem que ser, sobretudo, um ser humano. Se você tentar a rigidez da descrição do cargo para administrar um corpo extenso de servidores e uma população alvo enorme de alunos apenas pelos ditames e pela disciplina legal estabelecida, você quebra. Essa é a primeira grande lição: você tem que ter flexibilidade sem perder o ordenamento do que deve ser feito.

A segunda grande lição é sobre o que é gerir uma equipe, ou melhor, o que é transformar um grupo de cogestores em

equipe. Harmonizar, alinhar a equipe de gestão, procurar trazer todas as ações que são prioritárias e mais importantes num momento que faltava tudo, e ainda falta muito, a quem atender primeiro, como atender primeiro. Essa foi a segunda grande lição: harmonizar a equipe gestora, trazê-la para um trabalho verdadeiramente de equipe.

E na terceira aprendizagem que eu obtive no exercício da reitoria, o meu olhar é no sentido contrário, da professora para a gestora. Eu vejo que toda a contribuição que eu já dei pra UNIR, como professora e também como pesquisadora, embora a considere relevante e importante, ela não é suficiente. Eu penso que todos nós, professores e servidores técnicos, devemos entender de uma vez por todas que nós não somos usuários, nós somos cogestores. Quando buscamos um edital, nós vamos trazer para dentro da universidade e dentro da universidade o espaço é coletivo, o lugar onde esta atividade deverá ser instalada é pago por todos. Esse alinhamento eu consigo ver agora, na posição de professora tendo vivenciado a gestão. Nós sempre procuramos acreditar que se vamos para a sala de aula, desenvolvemos projetos de pesquisa, PIBIC, PIBID, PIBEX, pós-graduação, se damos conta disso, já estamos contribuindo, e isso não é verdade. Nós precisamos contribuir com quem está na gestão de forma clara e direta. Nós temos que saber pedir, nós temos que nos inteirar corretamente dos processos. É preciso que a gente seja profissional, um servidor profissional que saiba pedir, que

saiba se colocar politicamente e que saiba ser republicano naquilo que está fazendo.

**RA:** Reitora, e por que não mais quatro anos, já que a senhora era um dos principais nomes para dar continuidade à gestão?

**Berenice:** Eu parto do princípio de uma afirmativa feita pelo Betinho, sociólogo nacionalmente reconhecido, que dizia que “o lugar da democracia é o vazio”, partindo da ideia de que lugar se reporta a *locus*, e *locus* de poder. Então, na concepção de democracia não existe dono do lugar, dono do poder.

Meu professor de inglês disse uma vez que a relação do ser humano com o poder é uma relação de realização de desejos. Desejos pelo próprio poder. E ele usou uma metáfora: é como pegar um cálice do mais precioso vinho, o poder é assim, é um cálice de um precioso vinho, caro, maravilhoso, saboroso, enfim, fantástico, e você pega e dá o primeiro gole. Excelente! Você dá o segundo gole. E você não consegue parar porque ele é maravilhoso. Assim é o poder, usando a metáfora do vinho, e você vai tomando, você vai bebendo, bebendo, até que você se embriaga. E embriagado pelo poder você não tem mais o discernimento. Então, ficar mais quatro anos, significava o risco.

E a outra, e finalmente, muito mais uma postura política que eu adoto é essa do lugar da democracia, ele é o vazio, não é de ninguém e é de todos. É preciso que a gente faça essa rotatividade para dar

oportunidade a todas as pessoas de serem gestoras. Eu acredito que só assim amadurecemos politicamente como instituição e aumentamos a massa crítica da nossa universidade. Eu tenho essa filosofia comigo e acho que isso também acaba, do ponto de vista pessoal, dando chance pra eu retomar a atenção à família, à minha carreira, ao meu pós-doutorado, que eu tenho muito interesse em fazer, que eu já me programei pra isso e que abortei em 2012 para servir à UNIR.



